



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Experiência imersiva nas vozes do *Cartas para o Amanhã*

Natália Bento de Castro Ramos

Trabalho de Conclusão de Curso
do Curso de Comunicação
Organizacional da Faculdade de
Comunicação da Universidade de
Brasília, sob orientação da
Professora Titular Dione Oliveira
Moura.

Brasília - DF

2024

RESUMO:

A presença de estudantes negros e indígenas nas universidades brasileiras tem aumentado graças às políticas de ações afirmativas. Por conta desse aumento, alguns projetos de acolhimento surgiram e um deles é o *Cartas para o Amanhã*. Esse artigo é um estudo de recepção sobre como o *Cartas para o Amanhã* repercute dentre estudantes que participaram das turmas, das Oficinas ou mesmo que acompanham o *Cartas* via redes sociais.

Palavras-chave: Experiência racial, universidade, racismo estrutural, políticas afirmativas, permanência estudantil, *Cartas para o Amanhã*.

ABSTRACT:

The presence of black and indigenous students in Brazilian universities has increased thanks to affirmative action policies. Due to this increase, some welcoming projects emerged and one of them is Letters for Tomorrow. This article is a reception study on how *Cartas para o Amanhã* resonates among students who participated in classes, workshops or even who follow *Cartas* via social networks.

Keywords: Racial experience, university, structural racism, affirmative policies, student retention, letters for tomorrow.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as universidades brasileiras passaram por transformações significativas na diversidade racial. A implantação de políticas de ações afirmativas, da qual a Universidade de Brasília foi a pioneira dentre as universidades federais (Moura, 2004), ampliou o acesso de grupos históricos marginalizados ao Ensino Superior no país. No entanto, a chegada de nós, estudantes negras, negros e indígenas na universidade não garante, por si só, uma experiência plena e igualitária. O racismo estrutural, as dificuldades de permanência e a baixa representação nos espaços acadêmicos ainda constituem desafios a serem enfrentados.

Na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB) temos o projeto chamado *Cartas para o Amanhã*, no qual estudantes PPI (pretos, pardos e indígenas) possuem um espaço seguro para compartilhar suas dores e criarem uma rede de apoio significativa para não desistirem do curso no meio do caminho. Esse espaço é formado por uma iniciativa na qual permite com que sejam escritas cartas sobre o que estão vivendo naquele exato momento, para que pessoas, novos estudantes, leiam posteriormente e se sintam acolhidos pela vivências de alunos que escreveram.

Coordenado pela professora Dione Moura, o projeto abrange um grande número de pessoas que já participaram e registraram suas cartas com a intenção de darem seu testemunho sobre a vivência universitária e inspirar as futuras gerações de estudantes negras, negros e indígenas da universidade. Fora isso, podemos observar uma grande rede de apoio se formando a partir do momento em que as cartas estão sendo lidas, respondidas e usadas como exemplos em trabalhos acadêmicos, TCCs, projetos e atividades de Extensão.

Como procedimento metodológico, a autora, inicialmente fez a própria imersão no repertório do *Cartas* (leitura das Cartas e entrevista com Luana Gonçalves, autora de um TCC sobre o *Cartas* e também escuta dos podcasts sobre o *Cartas* produzidos por Luana Gonçalves), essa foi a **Etapa 1** da pesquisa. Em seguida, na **Etapa 2** da pesquisa, foi realizada uma imersão, onde os podcasts do *Cartas* ficaram rodando, enquanto algumas cartas eram expostas no projetor da sala e o público tinha esse sentimento de fazer parte do projeto enquanto uma experiência cultural. A imersão teve um retorno positivo para as pessoas que tiveram acesso, e uma boa repercussão entre os estudantes da faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Por fim, na **Etapa 3** da pesquisa, foi produzido e aplicado um formulário para estudantes que já tiveram contato com o *Cartas* para responderem de acordo com o que

sentiram e entenderam da iniciativa. E, na **Etapa 4**, produzimos a síntese do estudo de recepção e as considerações finais.

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1. O RACISMO ESTRUTURAL NO ENSINO SUPERIOR

O racismo estrutural no ensino superior se manifesta de maneira sistêmica e arraigada, influenciando desde o acesso até a progressão acadêmica. A escassez de professores negros e indígenas reflete a falta de oportunidades e a perpetuação de um ambiente acadêmico dominado por perspectivas eurocentradas. Além disso, currículos que negligenciam a história e as contribuições desses grupos reforçam a invisibilização e a desvalorização de sua presença na academia.

A necessidade de combater o racismo demorou para ser colocada entre as prioridades do movimento sindical brasileiro. Como explica João Carlos Nogueira², as organizações sindicais simplesmente desconsideravam o enorme contingente de trabalhadores negros. (Da Silva Borges, 2012, p.154)

A vivência universitária de estudantes racializados é frequentemente marcada por microagressões e episódios de discriminação velada ou explícita. Comentários e atitudes que questionam a capacidade intelectual desses estudantes, muitas vezes baseados em estereótipos raciais, afetam a confiança e a permanência no ambiente acadêmico. Além disso, a falta de representatividade nos materiais didáticos e a pouca diversidade nos debates acadêmicos limitam a pluralidade de visões e aprofundam desigualdades históricas.

As desigualdades sociorraciais no Brasil são recorrentemente percebidas como desigualdades de classes, o que resulta na equivocada compreensão de que o racismo à brasileira é um racismo sem racistas (Bernardino-Costa; Santos, Silvério, 2009, p. 220).

Outro aspecto fundamental é a dificuldade de acesso a redes de apoio e oportunidades de pesquisa. Muitas vezes, estudantes negros e indígenas encontram barreiras para ingressar em programas de iniciação científica e estágios acadêmicos devido a mecanismos de seleção que favorecem grupos já privilegiados. Essa exclusão impacta diretamente a construção de carreiras acadêmicas e profissionais, perpetuando a desigualdade de oportunidades dentro do espaço universitário.

2.2. POLÍTICAS AFIRMATIVAS E PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA

As políticas afirmativas têm sido fundamentais para a ampliação do acesso de estudantes negros e indígenas ao ensino superior. A implementação das cotas raciais, por exemplo, possibilitou uma maior diversidade dentro das universidades, permitindo que grupos historicamente marginalizados pudessem ocupar espaços antes inacessíveis. No entanto, a simples entrada na universidade não garante a permanência e o sucesso acadêmico desses estudantes, que ainda enfrentam barreiras institucionais e socioeconômicas significativas.

A permanência universitária está diretamente ligada a fatores como suporte financeiro, acesso a moradia estudantil e alimentação adequada. Muitos estudantes ingressam na universidade, mas encontram dificuldades para se manter, devido à necessidade de conciliar estudos e trabalho. A falta de assistência estudantil consistente pode levar à evasão, impedindo que os benefícios das políticas afirmativas sejam plenamente concretizados.

Além do suporte financeiro, é essencial que as universidades promovam ambientes acadêmicos inclusivos e acolhedores. O racismo institucionalizado e a ausência de representatividade nos quadros docentes e administrativos podem gerar um sentimento de não pertencimento, dificultando a adaptação e a permanência dos estudantes racializados. Dessa forma, iniciativas que incentivem a diversidade curricular e a contratação de professores negros e indígenas são passos essenciais para mitigar essas desigualdades.

A permanência material significa que, para se manter na universidade, é preciso satisfazer necessidades objetivas de existência, ou seja, cada estudante precisa arcar com custo de materiais, alimentação, transporte etc. Por esse motivo, estudantes optam por procurar outras formas de assegurar sua permanência na universidade, como trabalhar no período inverso ao curso, o que acaba limitando sua participação no ambiente universitário e impactando também a permanência simbólica. (SANTOS, 2009)

Os coletivos estudantis e grupos de apoio desempenham um papel essencial na luta pela permanência acadêmica. Essas organizações atuam tanto no suporte emocional quanto na mobilização política para garantir direitos e melhores condições para os estudantes negros e indígenas. A troca de experiências dentro desses coletivos fortalece a identidade racial e acadêmica, criando redes de solidariedade que auxiliam na superação dos desafios impostos pelo ambiente universitário.

Por fim, políticas afirmativas devem ser constantemente aprimoradas e avaliadas para garantir sua efetividade. Além da manutenção das cotas raciais, é necessário ampliar programas de bolsas de pesquisa, monitorias acadêmicas e iniciativas voltadas ao bem-estar dos estudantes racializados. Apenas com um compromisso institucional sólido e contínuo será possível garantir que a universidade seja um espaço verdadeiramente inclusivo e equitativo para todos.

2.3. REDES DE APOIO E RESISTÊNCIA

As redes de apoio formadas por grupos negros e indígenas desempenham um papel essencial na permanência dos estudantes racializados no ensino superior. Esses grupos criam espaços de acolhimento e fortalecimento de identidade, permitindo que os alunos compartilhem experiências e desenvolvam estratégias de resistência diante das adversidades enfrentadas na universidade. Além disso, essas redes desempenham um papel crucial na construção de uma consciência política e social voltada para a transformação estrutural do ambiente acadêmico.

Os coletivos estudantis também atuam na promoção de eventos, debates e atividades culturais que valorizam as identidades negras e indígenas dentro do espaço universitário. A realização de encontros e seminários possibilita o intercâmbio de conhecimentos e a difusão de narrativas historicamente silenciadas. Dessa forma, essas iniciativas contribuem não apenas para o fortalecimento da autoestima dos estudantes racializados, mas também para a construção de uma universidade mais plural e democrática.

Outro ponto relevante é o papel das mentorias e programas de tutoria dentro dessas redes de apoio. Muitos estudantes negros e indígenas são os primeiros de suas famílias a ingressar no ensino superior e, portanto, enfrentam desafios adicionais na adaptação à vida acadêmica. O apoio de colegas mais experientes e professores comprometidos com a equidade racial pode fazer a diferença na trajetória desses estudantes, auxiliando-os na superação de dificuldades acadêmicas e na inserção em projetos de pesquisa e extensão.

Além das iniciativas estudantis, é fundamental que as instituições universitárias reconheçam e fortaleçam essas redes de apoio por meio de políticas institucionais. O incentivo a centros de pesquisa voltados para questões raciais, a criação de núcleos de apoio psicossocial e a implementação de programas de mentoria para estudantes racializados são medidas que podem contribuir para um ambiente acadêmico mais inclusivo. O reconhecimento e o

fortalecimento dessas redes são passos fundamentais para garantir não apenas o acesso, mas a permanência e o sucesso desses estudantes no ensino superior.

Dessa forma, as duas etapas do estudo de recepção (Etapa 2 - imersão na FAC-UnB e Etapa 3- formulário) realizado sobre o projeto *Cartas para o Amanhã* da Universidade de Brasília, buscou compreender como os participantes interpretaram e se envolveram com a proposta de escrever mensagens em forma de cartas para serem lidas a partir do ano de 2023.

Por meio de entrevistas com a graduada Luana Gonçalves e com a coordenadora Dione Moura, Análise de Conteúdo das respostas da Etapa 2 e da Etapa 3, identificou-se que a experiência foi percebida como uma oportunidade de segurança, expressão de desejos e registro de perspectivas sobre o futuro.

Necessitamos deixar de ser audiências e começar a ser produtores. Os setores populares e os meios necessitam que sua voz, discurso, relato e estética se façam públicos e, a partir de seus códigos, expressivos. A proposta é promover o acesso diversificado às telas; produzir interpelações novas; passar de consumidor a cidadão ao formar sujeitos para a política, trabalhar pela autoestima social e as identidades culturais, promover visibilidades, acessos e reconhecimentos novos, gerar cidadanias midiáticas (“veedurías”¹, grupos de telespectadores, comunidades de sentido, observatório de meios), atender audiências minoritárias; produzir mensagens que gerem reconhecimento e identificação. (RINCÓN, 2008, p. 97, tradução nossa).

Assim, o estudo de recepção do *Cartas para o Amanhã* destaca que o Projeto tem efetivamente esse potencial de "novas cidadanias digitais" de que fala Rincón (2008), pois, por meio tanto da produção quanto da recepção das *Cartas para o Amanhã*, o projeto cria um espaço de cidadania e pertencimento, como colhemos nas etapas de pesquisa.

O estudo mostrou que a forma como o projeto *Cartas para o Amanhã* foi recebido está ligada a aspectos culturais, como o hábito de escrever textos, o uso da escrita para refletir sobre a vida e a ideia de que as pessoas mudam com o tempo, como as portas podem se abrir com o tempo e a persistência perante os desafios da inclusão no Ensino Superior. Por fim, a construção cultural do projeto afirma a importância de se sensibilizar e ter empatia com as dores dos outros e ajudá-los em uma rede de apoio ativa, íntegra e que abre espaços de pertencimento.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. ETAPA 1 - IMERSÃO DA PRÓPRIA AUTORA NO *CARTAS PARA O AMANHÃ*

Foi realizada uma intensa imersão do projeto para um profundo conhecimento. Tiveram reuniões com a graduada Luana Gonçalves Silveira, que realizou um artigo sobre o *Cartas para o Amanhã* e criou o podcast do *Cartas*. Nessas reuniões, ela explicou como foi todo o processo de criação dela, o que sentiu fazendo esse artigo e apresentou as vozes do *Cartas para o Amanhã*, projeto feito em seu TCC como continuidade a uma extensa cartela de possibilidades ministradas pela professora Dione Moura.

Também foram analisadas algumas cartas presentes no Blog *Cartas para o Amanhã*, com a intenção de ampliar o sentimento e a conexão com pessoas que já haviam participado desse projeto e, aprender lê-las (no sentido de ouvi-las) da forma mais próxima possível de como potencialmente gostariam de ser ouvidas. Além das cartas do Blog, houve o acesso também a outras cartas que ainda permanecem inéditas e serão incluídas no Blog e no livro *Cartas para o Amanhã*, e já foram organizadas pelos estudantes da disciplina *Cartas para o Amanhã*, ministrada por Dione Moura, na Faculdade de Comunicação, na Universidade de Brasília.

Junto a isso, ainda na **Etapa 1** da pesquisa, também fiz uma imersão no podcast Vozes do *Cartas para o Amanhã*, trabalho incrível realizado pela formada Luana Gonçalves, também sob orientação da professora Dione Moura. Nesse TCC da autora Luana Gonçalves, há uma discussão sobre o pertencimento racial dentro das universidades, com relatos e participações importantes que ajudam a destacar as cartas lidas nos episódios do podcast.

Essas partes foram essenciais para a intensificação do sentimento e da experiência com o projeto *Cartas para Amanhã*. Trazendo um amplo entendimento de como abordar com as pessoas como foi feito na próxima etapa.

3.2. ETAPA 2 - IMERSÃO NA FAC

Foram utilizadas duas metodologias para a elaboração deste artigo, podendo assim absorver mais respostas e mais vivências relacionadas ao projeto *Cartas para o Amanhã*. A primeira foi uma imersão, em uma das salas da FAC-UnB, onde alunos e alunas puderam escutar um pouco dos episódios do podcast das cartas faladas.

Para essa imersão, foram escolhidos os episódios um e dois do podcast *Vozes do Cartas para o Amanhã*, que ficou rodando na sala, enquanto as pessoas escutavam e absorviam o que estava sendo exposto naquele momento.

Junto a isso, estava sendo projetada a carta da Beatriz Castro da Silva, ela escreve para uma futura leitora de 40 anos à frente, relatando sua imensa inquietação sobre todas as etapas que ainda estão por vir em seu caminho e em sua graduação. Pensando também em como essa escrita pode ajudar as futuras leitoras, em uma geração muito à frente de seu tempo, se ainda vão ter as mesmas dúvidas e as mesmas dificuldades e em como permanecerão sendo a resistência.

A autora do TCC movimentou-se nos corredores da FAC antes da imersão e conversou com estudantes convidando para a imersão, o que foi uma oportunidade de permuta também. Vieram duas estudantes e ficaram na sala durante a imersão e tiveram acesso a essa carta e a um dos episódios do podcast que estivesse tocando enquanto ficavam na imersão. A imersão aconteceu no dia 06 de fevereiro de 2024.

3.3. ETAPA 3 - FORMULÁRIO

A segunda foi um formulário, elaborado com perguntas de resposta dissertativas e respostas objetivas. Na elaboração do formulário, foram aplicadas perguntas de múltiplas escolhas e perguntas abertas dissertativas para que quem fosse responder ficasse mais à vontade de escrever sobre sua vivência e experiência do projeto.

No campo de perguntas tinham questões como nome, curso, semestre que fez a disciplina?, como se sentiu tendo esse espaço de acolhimento?, indicou a disciplina para algum conhecido?, e se gostaria que sua carta fosse respondida?.

Essas questões tiveram um peso importante para ter acesso à percepção de como cada um se sentiu fazendo parte, mesmo que em pouco tempo, de um projeto tão lindo e abrangente como esse.

3.4. ETAPA 4 - SÍNTESE DOS ESTUDOS DE RECEPÇÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta fase, produzimos a síntese do estudo de recepção e as considerações finais, apresentados a seguir nos capítulos 4 e 5, a seguir.

4. RESULTADOS

4.1 - RESULTADO DA IMERSÃO DA PRÓPRIA AUTORA NO *CARTAS PARA O AMANHÃ*

Diante dessa imersão pessoal, as fases ocorridas surgiram para que eu, como autora desse artigo, pudesse ter mais entendimento e empatia pela proposta abordada neste projeto realizado com tanta maestria pelos envolvidos.

Minha experiência como mulher negra, vinda de uma classe social com mais dificuldades, com acessos e possibilidades restritas à minha realidade, foi conturbada e cheia de obstáculos nos quais quase me fizeram desistir da minha graduação. Graduação essa que estou conquistando graças a possibilidade de cotas existentes na Universidade de Brasília, na qual abre tantas portas para pessoas que muitas vezes não se enxergam em um meio que é tão elitizado como uma universidade federal.

Realizei a disciplina chamada *Cartas para o Amanhã* na FAC no meu sétimo semestre de curso, e essa matéria foi uma âncora que não me permitiu trancar o curso e nem desistir da minha graduação. Um espaço majoritariamente feminino, com pessoas negras, onde pôde-se ser vulnerável e sentir um acolhimento por parte das pessoas que estavam participando da mesma classe que eu.

Durante minha curta carreira acadêmica até aqui, me deparei pouco com textos e com o pensamento de Lélia. Foi nos encontros dessa disciplina que conheci seu trabalho mais a fundo e sua importância para o pensamento brasileiro. Por coincidência ou não, acabei trabalhando conceitos da Lélia em uma disciplina do Direito também. Espero que quando você entre na UnB a base de teóricos e pensadores esteja mais diversa e inclusiva. (Marina Julião - Autora de uma das cartas).

Durante a imersão, tive acesso às cartas publicadas no blog, onde me identifiquei com alguns relatos feitos, relatos esses que expressavam medo, angústia e uma inquietação sobre o futuro, uma intensa vontade de vencer os obstáculos e também uma esperança de que o mundo estará mais solidário daqui a alguns anos.

Não sei pensar sobre o futuro. A escuridão do nosso tempo nos cega de enxergar qualquer luz, ao mesmo tempo que dá potência à chama interna. Guio-me também pelo tempo passado, que já foi muito mais escuro, mas menos turvo, imagino. Por

qualquer que seja a óptica, germinamos. E quando duvido lembro que te escrevo.
(Beatriz Castro da Silva - Autora de uma das cartas)

De um ponto de vista decolonial, a imersão para mim como mulher preta, estudante de comunicação na Universidade de Brasília me apresentou um espaço de segurança, pertencimento e acolhimento, sendo então de alta importância para a execução desse artigo final.

4.2. RESULTADO DA IMERSÃO NA FAC-UnB

Com a imersão, tivemos como resultado o depoimento de duas estudantes da FAC, que demonstraram bastante sensibilidade e relataram que foi impactante ter tido a oportunidade de escutar o podcast, e ler uma carta tão empática como a que foi exposta pela autora Beatriz Castro da Silva.

No depoimento relataram a importância, o sentimento de acolhimento, pertencimento, local aberto para fala e escuta de pessoas pretas, pardas e indígenas no ambiente da universidade. Esse depoimento foi gravado, editado e expomos dois trechos de relatos colhidos na imersão FAC a seguir:

Achei uma ótima iniciativa pois acredito que nunca estamos sozinhos na nossa caminhada, o projeto é uma forma de materializar essa cooperação entre as pessoas e essas relações de afeto e carinho, e gostaria de parabenizar o projeto. (Johanny Cássia - Estudante de Audiovisual).

Quando fiquei sabendo do projeto, me senti muito representada pelas vozes de outras pessoas, e me surgiu o interesse de participar do projeto pelo acolhimento e segurança que o espaço permite ter. (Laís Gomes - Formanda em Comunicação Organizacional).

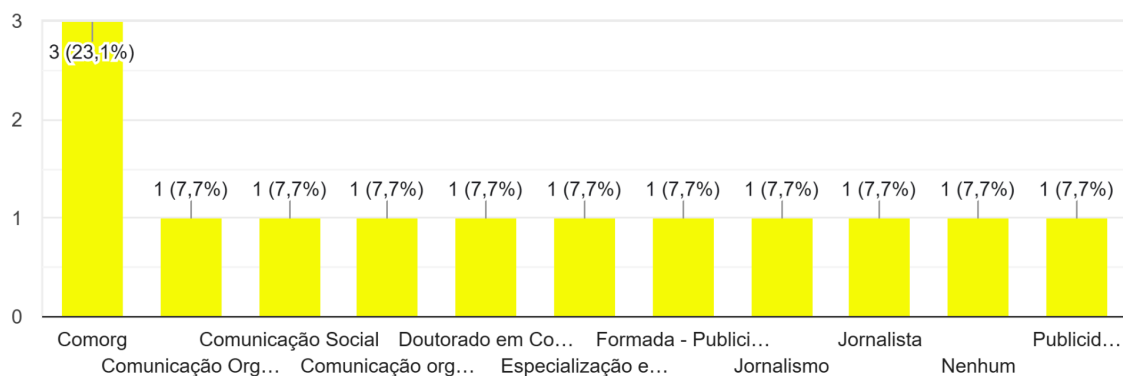
4.3. RESULTADOS DO FORMULÁRIO

Nos resultados deste formulário, tivemos um bom alcance para respostas extensas. Expondo 12 respostas, com diversas pessoas, homens e mulheres que tiveram contato com o projeto *Cartas*, vide Figura 1.

Figura 1 - Curso atual

Curso atual

13 respostas



Fonte: Elaboração da autora.

Com sete pessoas de Comunicação Organizacional, duas pessoas de publicidade, duas em jornalismo e uma em doutorado em comunicação. Dentre essas pessoas, 11 tiveram contato com o projeto durante a graduação e uma conheceu o projeto como comunidade por fora da universidade, mas ela também teve contato com o projeto durante seu doutorado na universidade.

Na pergunta “Como se sentiu tendo esse espaço de encontro e acolhimento dentro da universidade?”, as respostas foram significativas enquanto recepção do que o projeto perpassa para as pessoas.

*Foi uma **experiência** muito interessante para mim tanto academicamente como pessoalmente.* Laís Gomes Costa - Estudante da Universidade de Brasília. [Grifo Nosso]

*Ter disciplinas como esta é sempre uma **experiência** essencial. A universidade nem sempre oferece espaços onde possamos discutir as nossas vivências enquanto pessoas negras e ‘Cartas para o Amanhã’ foi exatamente isso: um **espaço de encontro, acolhimento e construção coletiva**. Mapear a mídia negra no Brasil e debater questões fundamentais para as pessoas negras na comunicação me fez enxergar com mais profundidade o impacto e a necessidade de narrativas que nos representem de verdade. Além disso, ter essa **troca** dentro da universidade, especialmente com uma **professora tão inspiradora**, fortaleceu minha visão sobre o meu **próprio papel** na comunicação e na sociedade.* Anna Beatriz Araújo Maciel dos Santos - Estudante da Universidade de Brasília [Grifo Nosso]

Achei extremamente inspirador. Ainda mais como professor de Sociologia
Richardson Kennedy - Estudante da Universidade de Brasília [Grifo Nosso]

*Muito especial, até porque estava no puerpério. Por meio da Carta, pude me conectar com a **minha história**, com a **minha filha** e com outras **mulheres negras**.
Juliana Cézar Nunes - Doutora em Comunicação pela FAC-UnB [Grifo Nosso]*

*Em um ambiente de tanta cobrança como a universidade, o Cartas vem como um **espaço de conforto**, onde você consegue se encontrar de diversas maneiras, se sentir realmente **pertencente** a um ambiente que muitas vezes nos questionamos a respeito da nossa permanência, é um **ambiente de respiro e afeto**. Ana Beatriz Santos Coelho - Estudante da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. [Grifo Nosso]*

*Me senti **motivada**. Luana Prado - (Graduada pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília).*

Maravilhada. É um incentivo e tanto para a perpetuação de histórias de mulheres negras. Ester Macedo (Graduada pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília). [Grifo Nosso]

*O projeto é incrível! A minha experiência com o “Cartas para o amanhã” foi muito agregadora. As aulas são de **acolhimento** e a leitura das cartas faz reviver o nosso processo de ingresso e **encontro consigo mesmo** dentro da universidade. (Tainá Alves - Graduada pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília)*

*Muito bem. Para mim o Cartas é um espaço de projeção de **sonhos** e aprofundamento de raízes. Através da difusão do pensamento e ativismo de Lelia González, o projeto estimula novas visões críticas sobre o passado, o presente e o futuro do Brasil e do mundo, além de aprofundar o entendimento*

*sobre a interseccionalidade, agenda imprescindível para forjarmos uma coletividade crítica e defensora dos **direitos humanos**.* (Luiza Rossi Campos - Doutoranda na Universidade de Brasília na FAC-UnB.) [Grifo Nosso]

*Achei muito importante ter esse **ambiente seguro** para se expressar.* Mariane Silva - Participou como comunidade, conhecendo o projeto pelo Instagram [Grifo Nosso]

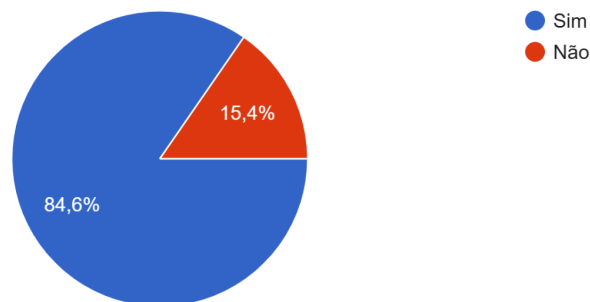
*Senti que tive um espaço de escuta e aprendizado muito potente, em um ambiente que incentivava o crescimento e a busca por uma comunicação genuína, diversa, **abrangente e inclusiva*** (Bruna Minervino - (Graduada em Publicidade e Propaganda pela FAC-UnB). [Grifo Nosso]

Com esses relatos, vemos que as principais categorias, desde uma perspectiva de Análise de Conteúdo (Campos,2004) são: ambiente seguro, incentivo, mulheres negras, aprendizado, sentimento, inclusão. O que torna o projeto muito mais importante e essencial na construção de uma comunidade acadêmica negra que se sente segura em compartilhar suas vivências e seus anseios, podendo enfim gerar uma rede de apoio forte e segura igualmente para todes.

Na indicação da disciplina, temos um ótimo número de repercussão, o que mostra que essa matéria vem se tornando cada vez mais vista e reconhecida pela comunidade dentro da universidade, vide Figura 2.

Figura 2 - Indicou a disciplina para algum conhecido?

Indicou a disciplina para algum conhecido?
13 respostas



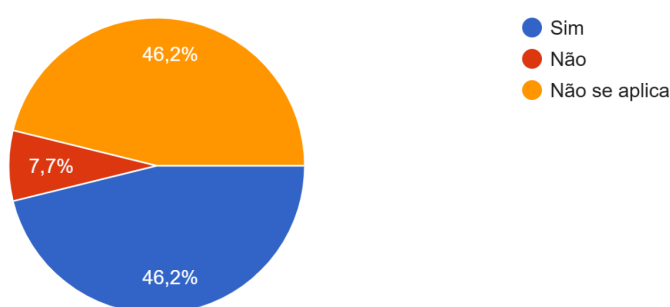
Fonte: Elaboração da autora.

Já nas respostas de suas cartas, muitas pessoas preferiram não escrever nada e sim ler o que já havia sido escrito, para uma maior empatia e para também entender a situação que ocorre. Portanto, muitos responderam que não se aplica a questão se “gostaria que sua carta fosse respondida?”, vide Figura 3.

Figura 3 - Gostaria que alguém respondesse sua carta?

Gostaria que alguém respondesse sua carta?

13 respostas



Fonte: Elaboração da autora.

4.4. SÍNTESE DOS ESTUDOS DA RECEPÇÃO

Desde um ponto de vista de um *parti pris* decolonial (Oliveira, Silva e Santos, 2022), nossa própria imersão no *Cartas para o Amanhã* fortalece o sentido de pertencimento que é o próprio objetivo maior do projeto, de que, nós, mulheres negras e indígenas, nos posicionamos em atitude, postura e ação de pertencimento na comunidade acadêmica, na vida social e nas nossas carreiras profissionais futuras. Dessa forma, colocamo-nos como também atores sociais em estado de recepção/construção do *Cartas*, uma postura de não somente quem recebe mas também produz (produz sentidos, produz inclusive um Trabalho de Conclusão de Curso como uma resposta do impacto do *Cartas para o Amanhã*). E esse é o resultado da Etapa 1 - a imersão minha no *Cartas* enquanto autora deste TCC.

Já na Etapa 2 - Imersão na FAC, percebemos que as principais palavras expressadas foram acolhimento, pertencimento, espaço seguro para pessoas negras e indígenas, e unanimidade em afirmar que o projeto é muito importante para o ambiente da universidade.

Assim, conversando entre as três etapas e execução, os resultados tiveram uma linearidade e um resumo semelhante do impacto que a imersão teve sobre o público que a experienciou.

Por fim, na Etapa 3 - Formulário,concluímos com uma riqueza de depoimentos nas perguntas abertas, destacando as categorias de Análise de Conteúdo “ambiente seguro, incentivo, mulheres negras, aprendizado, sentimento, inclusão”. E a Etapa 4, apresentamos no item a seguir, considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão racial nas universidades vai além do acesso; ela exige transformações estruturais que garantam a permanência e o bem-estar dos e das estudantes racializados e racializadas. Políticas afirmativas são um avanço, mas ainda há desafios a serem superados. A construção de um ambiente universitário mais diverso e inclusivo depende de esforços institucionais e da valorização da diversidade étnico-racial em todos os espaços acadêmicos.

Com esse artigo, podemos firmar o pensamento de que é importante e possível sim existir espaços como o *Cartas para o Amanhã*; espaços nos quais nós pessoas pretas, pardas e indígenas possamos sentirmo-nos à vontade para expressar nossas dores, dificuldades, sonhos e conquistas. Com isso, a segurança e a vontade de permanecer aumentam e se tornam força para vencer, alcançar e, no caso do cenário dentro da universidade, se formarem.

Com base nas etapas de pesquisa desenvolvidas no presente estudo, concluímos que o projeto *Cartas para o Amanhã* tem um peso muito significativo na comunidade negra e indígena dentro da universidade de Brasília, é o local no qual podemos nos expressar por meio de cartas, e ouvidos por meio de leitura, o que torna a interação muito mais sutil e acolhedora, projeto esse que se destaca também na comunidade da comunicação pois aprendemos como a circulação da informação pode salvar vidas, e reforça a importância de saber ouvir e ajudar quando se é necessário.

Desde uma perspectiva decolonial, a imersão no *Cartas* foi, para mim, mulher preta e estudante de Comunicação na Universidade de Brasília, um espaço de segurança, pertencimento e acolhimento.

Essa experiência não apenas fortaleceu minha identidade, mas também ampliou minha compreensão sobre narrativas marginalizadas e sua relevância na academia. Ao proporcionar um ambiente propício para a reflexão crítica, a vivência se tornou fundamental para a

construção deste artigo final. Mais do que um processo acadêmico, essa jornada reafirmou a importância de ocupar e ressignificar espaços de produção de conhecimento.

Esperamos que esse artigo possa incentivar cada vez mais o crescimento desse projeto e o interesse de pessoas não só negras e indígenas, mas também de todas as etnias a se ouvirem e se apoiarem em todo o processo de graduação dentro de universidades, locais estes onde muitas vezes lidamos com indiferença do próximo e competitividade. A vida fica muito mais leve com apoio e incentivo, com projetos fortalecedores como o *Cartas para o Amanhã*.

REFERÊNCIAS

ALAKIJA, Ana. Mídia e identidade negra. In: DA SILVA BORGES, Roberto Carlos; BORGES, Rosane. **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alia Editora Ltda, 2012. p. 180. ISBN 978-85-61593-51-3.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; DOS SANTOS, Sales Augusto; SILVÉRIO, Valter Roberto. Relações Raciais em Perspectiva. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 12, ed. 2, p. 215-222, julho/dezembro 2009.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev Bras Enferm*, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4.

MOURA, Dione O. Plano de Metas para a Integração Social, Étnica e Racial na UnB. Relatório da Comissão de Implementação. In: Joaze Bernardino; Daniela Galdino. (Org.). *Levando Raça a Sério*. 1ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, v. , p. 217-228.

RINCÓN, Omar. No más audiencias, todos devenimos productores. *Comunicar: revista científica iberoamericana de comunicación y educación*, Andalucía, v. 15, n. 30, mar. 2008.

SANTOS, D. B. R. **Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa**. 2009. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2009.

SILVEIRA, Luana Gonçalves. *Cartas para o Amanhã*: um podcast às futuras alunas negras e indígenas da UnB. Lélia Gonzalez, conquista, permanência e além tempo Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade de Brasília, 2024.

SCHMITZ, Daniela Maria. “Consumo, Sentidos, Usos E apropriações Nas Pesquisas De recepção: Nem tão sinônimos, Nem tão Distantes”. *Intexto*, nº 34, dezembro de 2015.